

## Experiências, saberes e fazeres produzidos pelas mulheres do campo em São Rafael/RN, Brasil

**José Erimar dos Santos<sup>i</sup>** 

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil

**Valmaria Lemos da Costa Santos<sup>ii</sup>** 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

**Samira Fontes Carneiro<sup>iii</sup>** 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

**Patrícia Maraísa de Souza<sup>iv</sup>** 

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil

1

### Resumo

Objetivamos contribuir com o desvelamento das desigualdades existentes entre homens e mulheres. Para tanto, foi realizado levantamento bibliográfico sobre a Geografia de Gênero e Movimentos Sociais, principais categorias de análise dessa pesquisa. Dentre os autores principais destacam-se Monk e García-Ramon (1987), Francisco (2011), Ferrante (1982), Seager e Olson (1986), Karsten e Meertens (1991-1992), Calió (1992) e Gonh (2000). Em seguida, conduzidos pela ênfase na investigação das experiências do cotidiano das Mulheres Produtoras do Desterro realizamos entrevistas, observações diretas, análises e discussões à luz da Teoria das Representações Sociais. Constatamos que a atividade artesanato com o talo e a palha da carnaúba, realizada pelas Mulheres Produtoras do Desterro constitui-se de um conhecimento produzido por essas mulheres, contribuindo para a alteração do arranjo social existente no Lugar, dando a essas mulheres autonomia e empoderamento. Isso evidencia que papéis sociais foram definidos, saberes foram gerados e práticas sociais produzidas, principalmente os sistemas de ações ligados ao agir do ser mulher nessa comunidade interiorana do Nordeste brasileiro mediante a organização coletiva denominada Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro.

**Palavras-chave:** Ser Mulher. Campo. Saberes. Fazeres.

### Experiences, knowledge and actions produced by rural women in São Rafael/RN, Brazil

### Abstract

We aim to contribute to the unveiling of existing inequalities between men and women. To this end, a bibliographical survey was carried out on the Geography of Gender and Social Movements, the main categories of analysis of this



research. Among the main authors are Monk and García-Ramon (1987), Francisco (2011), Ferrante (1982), Seager and Olson (1986), Karsten and Meertens (1991-1992), Calió (1992), and Gonh (2000). Then, led by the emphasis on investigating the daily experiences of the Women Producers of Desterro, we conducted interviews, direct observations, analyses, and discussions in the light of the Theory of Social Representations. We found that the handicraft activity with the carnauba stalk and straw, made by the Women Producers of Desterro is a knowledge produced by these women, contributing to change the existing social arrangement in the place, giving these women autonomy and empowerment. This shows that social roles were defined, knowledge was generated, and social practices produced, especially the systems of actions linked to being a woman in this community in the Brazilian Northeast through the collective organization called Community Association of Women Producers of Desterro.

**Keywords:** Being a woman. Field. Knowledges. Doings.

## 1 Introdução

O trabalho resulta, por um lado, das discussões e das experiências e vivências que vemos desenvolvendo na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I – Comunidade, junto ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e, por outro lado, dos estudos e discussões realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa Observatório das Desigualdades Socioespaciais, Dinâmicas Territoriais e Usos do Território no Semiárido Brasileiro, CNPq/UFERSA. Tem como tema as experiências, saberes e fazeres produzidos pelas mulheres produtoras do/no campo da zona rural do Município de São Rafael/RN, que se localiza na Microrregião Vale do Assu, na Mesorregião Oeste Potiguar do Estado do Rio Grande do Norte, à luz da abordagem da Geografia de Gênero.

A Geografia Humana, a partir da década de 1970, traz de forma mais avançada, a discussão, dentro da Geografia Cultural, do subcampo conhecido como a Geografia de Gênero, com estabelecimento de bases conceituais e teóricas, visando compreender as problemáticas socioespaciais que envolvem gênero. Essa situação representa um avanço na Geografia Humana no sentido de ampliar o escopo de compreensão das problemáticas que envolvem as desigualdades socioespaciais, as dinâmicas territoriais e





contribuir com o processo de desvelamento da forma como o território é usado e por quais atores/atrizes. Portanto, “desde mediados de los años 70 há ido creciendo la producción científica en geografía que adopta un enfoque feminista” (MONK, & GARCÍA-RAMON, 1987, p. 148).

3 Dada a complexidade socioespacial do atual período geográfico – o período técnico-científico-informacional – tem-se, hoje uma diversidade de temas e enfoques quando o assunto é a mulher na abordagem geográfica, pois no início da consideração sobre os sistemas de ações e práticas espaciais desses elementos do espaço geográfico na ciência Geográfica, os estudos se caracterizavam por análises circunscritas à busca de uma identidade específica, bem como bases conceituais e metodológicas para a elaboração dos estudos. Dessa forma, conforme Francisco (2011, p. 28), “[...] os estudos de gênero iniciados no final da década de setenta originários dos Estados Unidos da América do Norte, Canadá, Grã-Bretanha, França, Itália e Holanda constituem uma expressão acadêmica do movimento das mulheres”.

Buscando contribuir com o debate político acerca das questões da desigualdade do *status* da mulher na sociedade semiárida brasileira, a partir de um recorte empírico de uma porção do semiárido norte-rio-grandense, este trabalho almeja contribuir com o processo de desvelamento das desigualdades existentes entre homens e mulheres. Nesse sentido, fazemos uso das contribuições da Geografia de Gênero, uma vez que tem se instalado e se desenvolvido de forma conceitual e metodologicamente, nos possibilitando ampliação do leque de alternativas de análise de gênero e os processos espaciais. Dessa forma, o presente trabalho procura examinar as relações da Geografia de Gênero e atividades desenvolvidas pelas mulheres produtoras do sítio Desterro, zona rural de São Rafael, nas estratégias de sobrevivência familiar, buscando destacar as experiências educativas, saberes e fazeres dessas mulheres e qual teoria do conhecimento vincula-se e sustenta esses sistemas de ações e práticas do/no campo em São Rafael. Isso é importante, dentre outros aspectos porque contribui com a busca das origens políticas, das questões de desigualdades e *status* da mulher da zona rural no âmbito das práticas organizacionais/organizativas na Região Semiárida Brasileira.





É também nossa pretensão, que a presente discussão possa contribuir com o debate acerca da necessidade de tornar visível a realidade da mulher e seus papéis frente às possibilidades organizacionais, seus trabalhos, suas experiências, seus saberes e sua importância no processo de manutenção da existência do ambiente familiar, que ainda lamentavelmente é pouco percebido e valorizado seu sistema de ações frente à sociedade patriarcal vigente. Isso significa que “o trabalho da mulher no campo, envolvido em uma trama de relação, que o tornam preso à amarras às vezes invisíveis apresenta-se como um objeto de estudo pouco explorado, nem por isso menos importante” (FERRANTE, 1982, p. 97). Nesse sentido, sabendo que as relações de gênero, por se darem de modo influenciadas por convenções, já há muito, preestabelecidas desde o período neolítico da História da humanidade e reforçada no século XVIII com a Revolução Industrial, corroboram com a construção de sistemas de objetos e sistemas de ações constitutivos de um espaço social distinto para homens e mulheres, portanto para a natureza desigual e combinada dos Lugares constitutivos do espaço geográfico, fato bastante percebido nos subespaços campo, em especial no Nordeste Semiárido brasileiro.

Destacamos, ainda, que quando mencionamos o neolítico e à Revolução Industrial não estamos a nos referir como datas precisas do início do processo das desigualdades entre homens e mulheres, mas para chamar a atenção para as raízes do passado que se fazem presentes hoje e que se demonstram ainda sem uma conclusão, haja vista o processo complexo de (re)produção do capital do qual faz parte homens e mulheres e que sempre fez nas mais diversas e variadas culturas. Daí, implicarmos numa abordagem de gênero na ótica das relações e dinâmicas de uso do território que parta das relações sociais que implicam configurações socioespaciais e que possibilite problematizações acerca da cultura e da dialética espaciais, pois é disso que trata uma Geografia Feminista.

Por fim, é importante destacar conforme Lara (2016, p. 143) que os autores citados anteriormente e os que seguem, contribuíram “[...] para o aprofundamento da temática, em especial a discussão sobre a desigualdade de gênero”, o que possibilita





identificarmos sistemas de ações “[...] de desigualdade inerentes aos discursos, pretéritos e presentes, no país e região”, uma vez “[...] que as desigualdades entre homens e mulheres estão potencializadas nas outras desigualdades, tais como as sociais e econômicas”.

## 2 Revisão de literatura

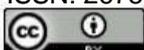
5

De acordo com Francisco (2011), a principal linha de estudos no âmbito da Geografia que busca discutir a relação mulher e espaço é a Geografia de Gênero, enraizada no feminismo, ou seja, embasada na perspectiva de gênero, uma vez que trata de papéis apreendidos socialmente por homens e mulheres no bojo das formações socioespaciais às quais pertencem. Destaca ainda essa autora, que, às correntes de pensamento geográfico: Geografia Neopositivista, Geografia Humanista e Geografia Marxista, a Geografia de Gênero está relacionada e tem sua origem.

De acordo com Monk e García-Ramon (1987, p. 148), dois enfoques caracterizaram os primeiros estudos feministas na ciência Geográfica: “la crítica de la geografía que daba por supuesto que la experiencia masculina equivalía a la experiencia humana en geografía en general, y la descripción empírica de la geografía de las mujeres para demostrar cuan distinta era de la de los hombres”.

Os fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia de Gênero foram e estão sendo estabelecidos através do desenvolvimento de trabalhos e pesquisas de geógrafos e geógrafas de diferentes partes do mundo, através do surgimento de pesquisas e temas de abordagem.

Embora trazendo uma dimensão empírica para a reflexão nesta pesquisa: saberes, experiências e formas de organização de um grupo de mulheres do semiárido brasileiro, não almejamos a cair na mera descrição tal qual já denunciada por Seager e Olson (1986, p. 8) *apud* Francisco (2011, p. 28), quando afirmam que: “durante os últimos dez anos se tem conhecido, muito mais, sobre a vida e as experiências das mulheres em todas as partes do mundo”.





Já para Karsten e Meetens (1991-1992, p. 182-183), afirmam que “la etapa pionera de los estudios de la mujer en geografía se caracterizó por la búsqueda de una identidad propia y, por consiguiente, se establecieron requerimientos conceptuales y metodológicos precisos para la práctica investigadora”.

De acordo com Calió (1992, p. 3), um dos caminhos hoje apontados para os estudos de Gênero na Geografia é aquele que tem “[...] por base a questão da relação de gênero aplicada à análise da estrutura social e espacial das sociedades”. Essa perspectiva implica, por um lado, levarmos em consideração a premissa de que as desigualdades entre homens e mulheres não se faz compreensível fora de uma abordagem dialética que procure trazer para o processo de análise o capitalismo como uma das causas desse processo e, por outro lado, que seja uma análise que levem em consideração também a experiência vivida das mulheres em seus lugares e suas formas de organização coletiva, a exemplo da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro. Isso significa que, o acesso a lugares públicos, bem como a distribuição da riqueza produzida coletivamente e o acesso aos equipamentos da cidadania, seja no campo, seja na cidade, não é experienciado da mesma maneira por homens e mulheres, portanto, constitui-se por uma relação desigual, como muito bem expressa Calió (1992, p. 7): “isoladas no espaço privado do lar ou à sua extensão pública (o posto de saúde, a farmácia, o hospital, a loja, o supermercado, a feira, o açougue, a padaria, a escola, o parque, etc.), elas travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana”.

Foi buscando superar e romper essa barreira que mulheres da zona rural de São Rafael, decidiram se organizar e lutar por melhorias coletivas, mostrando que o movimento social enquanto um sistema de ações coletivas construído mediante caráter sociopolítico por essas agentes sociais dá êxito e benefício para a coletividade. Isso evidencia que os movimentos sociais

[...] politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade





coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GONH, 2000, p. 13).

A partir da segunda metade do século XX, diversas experiências de organização social de mulheres começam a surgir no Nordeste brasileiro, criando vínculos entre elas e conexões e trocas com outros atores sociais, buscando enfrentar e superar as dificuldades econômicas e familiares que estão presentes na vida da maioria das mulheres sertanejas pobres.

No semiárido brasileiro, as relações econômicas e de gênero ainda mantêm fortes traços da era colonial, uma vez que, ainda é possível perceber nitidamente um sistema de ações e um sistema de objetos constitutivos de uma agricultura de subsistência, bem como uma estrutura familiar organizada nos moldes patriarcal, em que o trabalho das mulheres, na maioria das vezes duro, torna-se invisível e sua liberdade e sexualidade controladas, sobretudo por serem do espaço rural e por sua condição de mulher. Tal realidade faz com que seja comum a representação social da mulher sertaneja como uma figura feminina confinada ao ambiente da seca e submissa à autoridade masculina.

Contraposta a esta representação social e imagem que está no imaginário social, uma outra representação social é vívida, como a que percebemos em São Rafael. Mulheres de coragem, de resistência e de luta estão organizadas em associação, enfrentando as condições naturais, sociais e histórias da formação socioespacial pertencentes, invocando autonomia e equidade. Isso é visível nos discursos dessas mulheres, onde a partir do desenvolvimento do artesanato com a carnaúba, é recorrente em suas falas as melhorias como: “fonte de renda” e/ou “melhoria da renda”. Tal realidade nos chama a atenção para o fato que é por meio das representações sociais que os sujeitos socioespaciais dão sentido ao mundo, uma vez que “elas [as representações sociais] circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais” (JODELET, 2001, p. 17-18). Assim, as expressões acima evidenciam um pouco da trajetória das mulheres trabalhadoras rurais do semiárido,





situada dentro da dinâmica das relações sociais, em que as questões relativas a gênero faz parte de um movimento construído no bojo das contradições sociais que dão as condições para a organização coletiva.

Isso significa que no âmbito das ciências humanas não podemos deixar de considerar essas narrativas, pois são reflexos de outras tantas histórias e geografias de muitas outras organizações de mulheres no semiárido brasileiro em que as lutas enfrentadas por essas mulheres possam ganhar mais respeito, pois são várias as reivindicações buscadas e concretizadas: geração de renda própria, acesso a serviços de saúde, acesso à água etc., fato que rompe a representação social e também condição de passivas e de apenas pessoas de cujo lar e os afazeres domésticos eram sua competência. Assim, o empoderamento efetivo dessas mulheres não seria possível se não fosse a participação ativa das mesmas em movimentos e da criação da associação, bem como ainda das possibilidades que a Educação não-formal desempenha no rol das organizações coletivas, já que trata-se, num sentido mais amplo, da construção educacional que abrange o conjunto das influências do meio natural e social e que afeta o desenvolvimento de homens e mulheres nas suas relações ativas com o meio social (LIBÂNEO, 2007). Isso significa que “As práticas da educação não-formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais” (Gohn, 2009, p. 31), tal qual a Associação das Mulheres Produtoras do Desterro em São Rafael.

## 3 Materiais e métodos

### 3.1 Caracterização da área de estudo e localização geográfica

A Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro (5°51'58.29"S 36°50'56.69"O) está situada a 8 km a Sudeste da sede do município de São Rafael, na Microrregião do Vale do Assu, na Mesorregião Oeste Potiguar do Estado do Rio Grande



do Norte. A área onde está situado o povoado Desterro é geologicamente caracterizada por amplos afloramentos de granito, sob a forma de inselbergs.

O clima é o semiárido, com concentração das chuvas no período que vai de janeiro a julho e a vegetação predominante é a caatinga subarbórea, com abundância de cactáceas e plantas de porte baixo e espalhadas.

9

**Figura 01** – Vista Panorâmica do Sítio Desterro, Zona Rural do Município de São Rafael/RN, Local da Realização da Nossa Pesquisa



Fonte: Google Street View, 2012.

## 3.2 Classificação da Pesquisa

Este trabalho, do ponto de vista da classificação da pesquisa classifica-se, conforme Gil (2007), quanto à sua finalidade como pesquisa exploratória e, quanto aos meios, como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Quanto à sua natureza é do tipo qualitativa. Dessa forma, iniciamos os procedimentos metodológicos com um levantamento bibliográfico sobre a Geografia de Gênero e Movimentos Sociais, principais categorias de análise dessa pesquisa. Em seguida, conduzidos pela ênfase na investigação das experiências do cotidiano das mulheres produtoras do Desterro realizamos entrevistas, observações, análises e discussões sobre o tema investigado à luz da Teoria das Representações Sociais.



## 3.3 Procedimento da Pesquisa

Os procedimentos metodológicos constituíram-se de coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica e coleta de dados em campo, junto às mulheres produtoras do Desterro.

10

### 3.3.1 Levantamento Bibliográfico

Utilizamos livros, artigos e teses de doutorado relacionados à Geografia de Gênero e Movimentos Sociais, além de um diagnóstico acerca do processo dos saberes, práticas e experiências transmitidas na relação face a face e/ou através das relações sociais constitutivas da educação não-formal e informal, mediante o conhecimento empírico dos autores e de visitas relacionadas ao Estágio Curricular Supervisionado I – Comunidade, no âmbito do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA.

### 3.3.2 Obtenção de Dados em Campo

Inicialmente confeccionamos um questionário destinado às mulheres produtoras do Desterro, composto por perguntas acerca do perfil e das práticas, saberes e experiências. Em seguida elaboramos outro questionário, também composto por questões sobre o perfil e a Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro. Este último foi desenvolvido junto à presidenta da associação através de entrevista gravada e transcrita, assim como foi feito com relação ao procedimento de coleta junto às mulheres produtoras do artesanato do talo e da palha de carnaúba dessa associação.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES





## 4.1 Contribuição à Geografia de Gênero e dos Movimentos Sociais no Semiárido Brasileiro: Experiências, Saberes e Fazeres Produzidos pelas Mulheres do Campo em São Rafael/RN, Brasil

11

A Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro foi fundada em 23 de novembro de 2002, mediante o desejo de um grupo de mulheres em querer melhorias para a comunidade, dentre as quais uma renda familiar melhor e o acesso a programas e serviços sociais. A associação produz e comercializa diversos produtos feitos com matérias-primas locais, sobretudo a palha da carnaúba, como cestas, baús, frasqueiras, bolsas, jarros, fruteiras, jogos americanos, luminárias.

A instituição tem um total de 63 sócias e cinco atuantes na produção do artesanato do talo e da palha de carnaúba, as quais, estas cinco, constituíram-se no universo entrevistado/investigado neste trabalho.

Conforme Cascudo (1964, p. 192), “Pode dizer-se que da carnaúba nada se perde”, no sentido de que é grande o número de utilidades dessa planta, sobretudo pelo homem e a mulher do campo em suas atividades cotidianas, através do aproveitamento das suas partes, desde a semente até à cera que é extraída das suas folhas, a qual foi a principal responsável pelo alto valor comercial da árvore durante um certo período na economia do Rio Grande do Norte, isto é, logo após a Primeira Guerra Mundial, conforme destacam Felipe Carvalho (2002). Nesta perspectiva econômica e utilitária dessa árvore no contexto do Nordeste brasileiro, surge o emprego de atividades humanas, a partir da extração de suas fibras, palha e dos talos na confecção de peças de artesanato, como se percebe na Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro em São Rafael.

A construção da sede veio depois da criação da Associação, inaugurada em 04 de maio de 2005, mediante recurso proveniente do Programa Desenvolvimento Solidário do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que liberou R\$ 26.745,25 para a construção da sede, mais cerca de R\$ 2.972,54 de contra partida das sócias em mão de



obra, o que teve um total de 29.717,80, incluindo a construção da sede, capacitação das mulheres, construção e compra de equipamentos de trabalho para as sócias.

Nomeada de Centro Múltiplo (**Figura 2**), a sede da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro constitui-se de um fixo geográfico que simboliza muita felicidade para essas mulheres, já que se refere a um lugar voltado para a realização de diversas atividades desenvolvidas na comunidade e voltado para o trabalho do artesanato do talo e da palha da carnaúba.

12

**Figura 2** – Placa da Inauguração da Sede da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro, Zona Rural de São Rafael/RN



**Fonte:** Patrícia Maraísa de Souza, 2017.

O espaço representa um marco da luta e conquista das mulheres por uma vida digna em comunidade e por busca de desenvolvimento de atividades que promovem o desenvolvimento local no âmbito rural do semiárido, tendo um valor social e ambiental bastante significativo para esse coletivo de mulheres e, portanto, para a comunidade do Desterro.

As atividades desenvolvidas na Associação constituem-se do artesanato do talo e da palha da carnaúba (**Figura 3**), atividade realizada todas às tarde durante a semana por um coletivo de cinco mulheres, que com uma habilidade incrível no manuseio do talo e da palha da carnaúba os transformam em peças de manifestação de muito talento e

saberes, dentre os quais: chapéus, esteiras, bolsas, cestas etc.. Na associação ainda é desenvolvido, durante três vezes na semana, o Pro-Jovem Saberes do Campo e, em uma vez por mês, o espaço se torna centro de atendimento do Programa da Saúde da Família (PSF). A sede abriga também um banco de sementes crioulas, formado e mantido pelas sócias; uma biblioteca construída com doações de livros pelas pessoas da comunidade que obtiveram êxito pessoal na educação formal e através do recebimento de livros do Programa Arca das Letras, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que veio complementar o acervo. Além disso, o espaço da associação é utilizado para a realização das reuniões da comunidade em que buscam debater e discutir melhorias para a comunidade com a captação de recursos e projetos que visem o desenvolvimento sustentável local.

**Figura 3** – Mulher Fazendo Artesanato do Talo e da Palha da Carnaúba na Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro, em São Rafael/RN

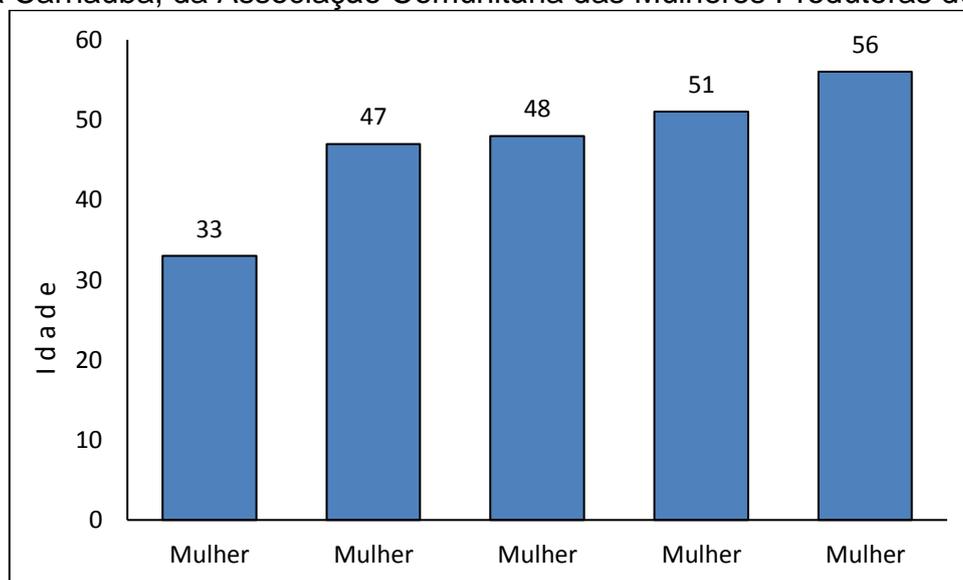


**Fonte:** Patrícia Maraísa de Souza, 2017.

Os pedidos de encomendas podem ser feitos a qualquer uma das sócias. No caso de encomendas grandes, é realizada uma reunião com todas para acerto de preços e tempo estimado para a finalização e entrega do/s produto/s.

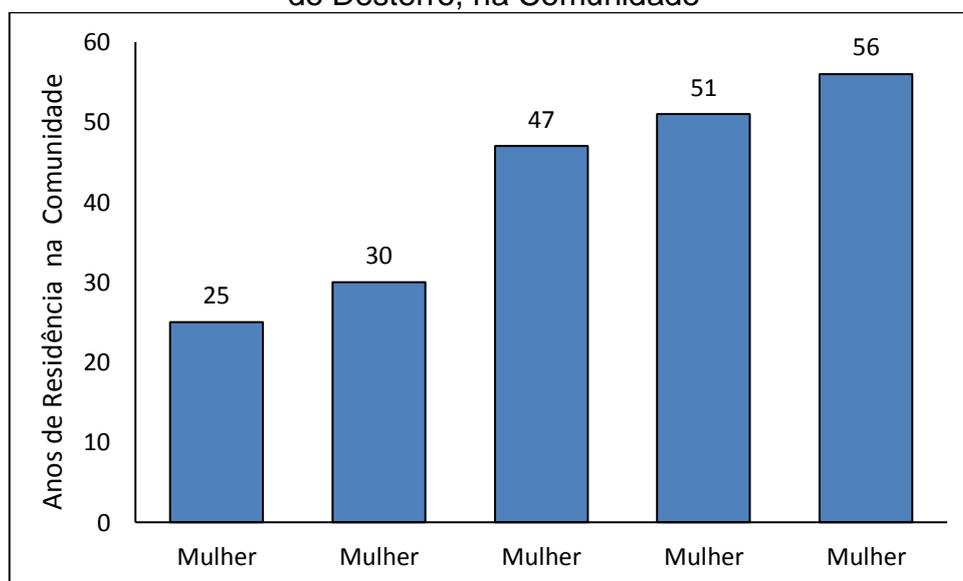
O perfil dessas mulheres atuantes no artesanato do talo e da palha da carnaúba é assim constituído:

**Gráfico 1** – Variação da Idade das Mulheres Produtoras do Artesanato do Talo e da Palha da Carnaúba, da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro



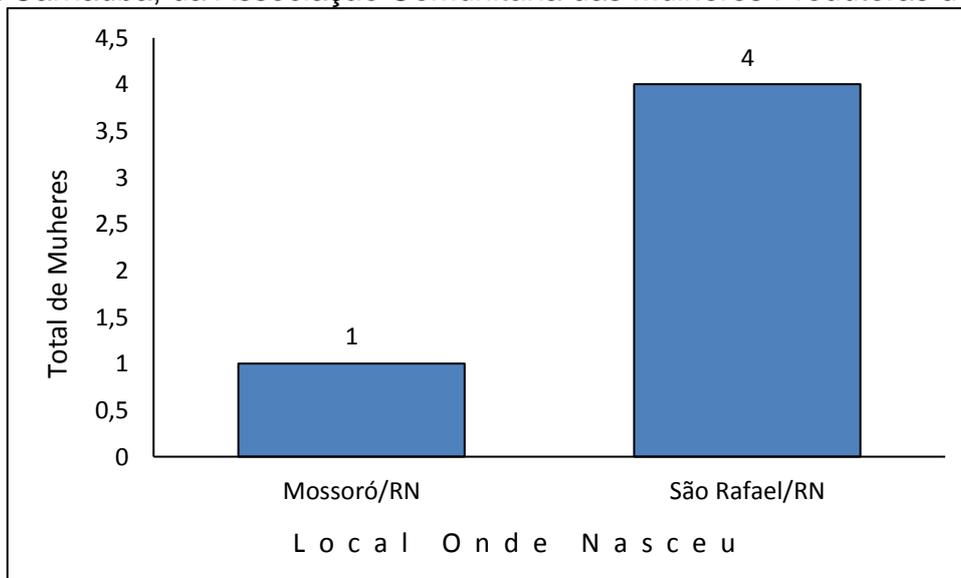
Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

**Gráfico 2** – Variação do Tempo de Residência das Mulheres Produtoras do Artesanato do Talo e da Palha da Carnaúba, da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro, na Comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

**Gráfico 3** – Local de Nascimento das Mulheres Produtoras do Artesanato do Talo e da Palha da Carnaúba, da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro



**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2018.

De acordo com os dados acima, percebemos que a idade das Mulheres Produtoras do Desterro varia dos trinta e três aos cinquenta e seis anos de idade, sendo a maioria delas com idade acima dos quarenta anos de idade. Com relação ao tempo de residência nessa comunidade, percebemos um laço afetivo significativo, uma vez que a maior parte ou a totalidade dos anos de vida viveram na comunidade, já que, além disso, quase todas nasceram em São Rafael.

Além da realização do artesanato do talo e da palha da carnaúba, as referidas mulheres têm como ocupação de trabalho a agricultura de subsistência, a pesca e o trabalho no lar familiar, o que evidencia uma multiplicidade de tarefas realizadas por essas agentes socioespaciais. A renda varia de R\$ 200,00 a R\$ 930,00 reais, sendo assim distribuída: uma mulher: R\$ 200,00, outra R\$ 300,00 e as demais (as outras três) têm como renda o valor mensal de R\$ 930,00.

Com relação à escolaridade, uma sócia tem graduação (em Pedagogia), que é a presidenta da Associação, ao passo que três têm o Fundamental Incompleto e uma o



Ensino Médio Completo. Quatro delas são casadas e uma solteira, sendo as casadas com um total de filhos que varia de 2 a 4 filhos.

As razões pelas quais esse coletivo de mulheres resolveu trabalhar com produtos artesanais feitos a partir do talo e da palha da carnaúba decorrem de uma decisão construída em uma reunião das mesmas, da qual participou a Coordenadora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de Assu/RN, à convite da presidenta. Dessa forma, a partir de uma reflexão conjunta acerca das potencialidades locais, definiram o artesanato feito com o talo e a palha da carnaúba. A partir disso, a atividade com essa matéria prima passou a constituir-se em uma série de dinâmicas e mudanças na vida dessas agentes socioespaciais dessa porção do semiárido brasileiro, conquistando, apesar do rendimento pouco, mas significativo, geração de renda familiar e uma certa autonomia em relação aos seus maridos, pois segundo elas antes só compravam certos produtos se seus maridos dessem dinheiro às mesmas. Dessa forma, esse coletivo foi capaz de promover a construção de uma nova representação social da/na comunidade, pois além dessas conquistas, elas conseguem também trazer projetos para beneficiar a comunidade.

Em seguida, fazemos uma análise das experiências, dos saberes e dos fazeres das Mulheres Produtoras do Desterro, visando compreender as articulações, trajetões e estratégias ligadas a essa organização coletiva de trabalhadoras rurais do semiárido brasileiro. Queremos com essa reflexão refletir sobre a emancipação dessas trabalhadoras do campo, suas articulações e estratégias para obter espaço e reconhecimento, articulando as categorias classe e gênero na análise geográfica evitando, dessa forma, generalizações.

Com relação aos saberes das Mulheres Produtoras do Desterro percebemos que estes são constituídos do mundo vivido, ou seja, das experiências diárias que ocorrem no entorno, seja nas relações existentes em casa ou na Associação. Algumas, por exemplo, citam a Associação como espaço de luta, a partir da união e do trabalho que desenvolvem em grupo. Tal engajamento é visualizado tendo em vista as





representações sociais<sup>1</sup> que as sócias possuem do trabalho, da educação e da própria Associação. Em suas falas encontramos, dentre outros aspectos, um conhecimento tácito, carregado de valores que torna-se compartilhado a partir das reuniões realizadas e do convívio familiar, denominado por Moscovici (2003), criador da Teoria das Representações Sociais, de universo consensual, onde predomina o senso comum e que nos revela a existência de “sábios[as] amadores[as]” e de uma “sociedade dos[as] pensadores[as] amadores[as]”, desvelando que

por certo, esses ‘sábios amadores’ – e todos nós o somos num domínio ou em outro – habitam o mundo da conversação, com seus hábitos de documentalistas – um pouco autodidatas, um pouco enciclopédicos –, permanecem freqüentemente prisioneiros de preconceitos, de visões acabadas, dialetos tomados ao mundo do discurso – e só nos resta inclinar-nos. Entretanto, eles revelam-nos, que os indivíduos, em sua vida cotidiana, não são apenas essas máquinas passivas para obedecer a aparelhos, em que os quis transformar uma Psicologia Social sumária, reduzida a recolher opiniões e imagens. Pelo contrário, eles possuem o frescor da imaginação e o desejo de dar um sentido à sociedade e ao universo a que pertencem (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

No tocante a essa teoria é que nos debruçamos pelo universo da conversação, o conhecimento partilhado, ou seja, suas representações sociais, para desvendar a realidade local (Sítio Desterro, Zona Rural de São Rafael), bem como a identidade dessas *sábias amadoras* que se estabelece pelo contexto vivido, ao longo do cotidiano.

Vejamos algumas falas (*ip litteris*) que revelam, dentre outros aspectos, a luta dessas Mulheres no que tange ao enfrentamento das condições de vida:

*“A finalidade foi uma renda para as mulheres que dependiam do marido, da agricultura” (RC);*

*“Ah! A associação veio pra ajudar a gente, se reunir, se reunir o grupo [...]” (FC);*

*“Pra gente ter uma fonte de renda, trabalhar junto com as mulher da comunidade, pra ter uma [pausa] um futuro melhor!” (RM).*

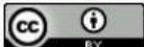
<sup>1</sup> Segundo Jodelet (2001, p. 22) são “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras do conhecimento científico”.





Nas famílias rurais é comum as mulheres serem as responsáveis pelas funções domésticas, sendo tal papel relegado socialmente, conforme já mencionamos anteriormente. Ao chefe de família (homens) coube cumprir com o sustento da mesma a partir de trabalho braçal: agricultura, pecuária e demais atividades econômicas que dinamizam o espaço rural. Tal contexto, ainda que notadamente presente, é superado quando surge a importância da autonomia pelas mulheres do/no campo. Os discursos acima reforçam este pressuposto ao apontarem a auto-organização das mulheres trabalhadoras na busca pelo reconhecimento de sua contribuição econômica a partir do artesanato, além dos cuidados da casa e da família. A origem, no passado, dessa busca por emancipação das mulheres de uma maneira geral pode estar atrelada à Revolução Francesa, responsável por esse levante feminino, por possuir em seu bojo os pensamentos de igualdade, fraternidade e liberdade e no que tange ao espaço-tempo-atual, tais ideais têm se intensificado com a agregação de diferentes correntes de pensamento e a representação midiática. Já no contexto do semiárido brasileiro isso se deve à difusão que vem tendo a busca por direitos e acesso de organizações coletivas que se fazem presentes em diversos lugares do Nordeste brasileiro, cujas protagonistas são mulheres trabalhadoras rurais. Estes elementos (informações) que são parte do universo reificado, segundo Moscovici (2003), são reinterpretados (numa intercomunicação com o universo consensual – construído sobretudo nas associações quando da realização de suas reuniões), a partir dos processos de interação e comunicação para traduzir uma realidade vivida. É assim que essas Mulheres do campo em São Rafael ratificam sua pertença ao grupo e exploram essa possibilidade como sendo propulsora de autonomia, de engajamento, união e respeito da comunidade que fazem parte.

Com relação aos fazeres das Mulheres Produtoras do Desterro compreendemos, a partir do que observamos, que a tradição é um elemento transmissor dessa prática, fato que condiz com a maneira como aprenderam a elaborar a trama de fabrico dos objetos do talo e da palha da carnaúba. Transmitido, esse saber, que se traduz em fazer ao longo das gerações, adquire uma característica, embora própria, mas com traços de



uma relação proveniente da educação informal e da educação não-formal construídas e compartilhadas ao longo do tempo, sendo *um guia para a ação* (ABRIC, 1998). Isso significa que, na produção artesanal das Mulheres Produtoras do Desterro, o processo de trabalho encontra-se caracterizado e integrado entre o saber e o fazer, havendo, pois, nas palavras de Alegre (1988, p. 14), “[...] uma fusão entre elaboração intelectual e perícia técnica, entre ‘engenho e arte’, arte e trabalho”.

É por essa razão que Caxile (2019, p. 4) nos chama a atenção para o fato de que,

a palavra ‘tradição’, [...] atinge seu significado pleno quando se refere a dimensão espaço temporal da vivência e experiência do grupo. Ela se constitui no pretérito para permitir ao presente orientar-se num contínuo e por meio de um impulso para o amanhã. A tradição só existe enquanto um ato de comunidade. Ela estabelece parceria com um grupo, ou seja, uma comunidade se cria por si mesma.

Considerando que o trabalho artesanal é pouco valorizado, as Mulheres Produtoras do Desterro chamam a atenção para uma realidade: o fato de que, com o passar do tempo, os trabalhos manuais passaram a ser menos valorizados mediante os novos aparatos técnicos de elaboração de produtos, fato que impacta nas condições econômicas das artesãs, evidenciando que “a produção de saberes no trabalho está engajada em um debate de valores” (SCHWARTZ, 2003, p. 26).

A esse respeito, são salutares as palavras de Alegre (1994, p. 12):

A Revolução Industrial veio acentuar fortemente a diferenciação. À medida que as mãos eram substituídas pelas máquinas, os mestres de ofícios sofriam nova diminuição: a técnica os despojava da autoridade no conhecimento do trabalho, tirava-lhes a dignidade social que haviam auferido como donos de determinado saber, privava-os de remuneração condizente com a qualidade do que executavam.

Portanto, ainda conforme essa mesma autora (Alegre, 1988, 1994), no Nordeste brasileiro apesar de ter conseguido conservar por mais tempo o trabalho artesanal mais bem conceituado, não obteve retorno financeiro satisfatório, realidade bastante visível com relação às Mulheres Produtoras do Desterro e em outras organizações coletivas presentes no interior do semiárido nordestino, fato que merece maior atenção e



investigações que visem tornar essa realidade mais visível, dada a importância local nas comunidades onde ocorrem.

Por fim, mas não menos importante, outra realidade que nos chama a atenção diz respeito, no tocante aos saberes e aos fazeres, é a intersubjetivação de uma premissa freireana: o saber e o fazer construídos coletivamente e partilhados intersubjetivamente. Em outras palavras, o sistema de ações e os objetos produzidos pelas Mulheres Produtoras do Desterro mostram que: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens [e as mulheres] se educam entre si, mediatizados [e mediatizadas] pelo mundo” (FREIRE, 1975, p. 63) vivido.

## 4 Considerações finais

Dentre os elementos conclusivos neste artigo, evidenciamos algumas constatações que corroboram com o objetivo perseguido e que, ao mesmo tempo, apresentam desafios e perspectivas relacionadas às experiências, saberes e fazeres das Mulheres Produtoras do Desterro.

Apesar de vivermos em uma sociedade, cuja marca é a presença sistêmica entre técnica, ciência, informação, finanças, normas e política atuando sobre as formações socioespaciais, evidenciamos que, embora seja tendência a substituição do trabalho manual pelo trabalho industrial, a articulação coletiva que promove a transformação de materiais simples do meio em atividades artesanais, pode representar e constituir-se em um mecanismo de promoção do desenvolvimento sustentável, fato que merece ser mais valorizado e divulgado, sobretudo no contexto do semiárido brasileiro frente ao processo de promoção dos objetivos de desenvolvimento sustentável, aos quais todas as sociedades devem rumar para atingir até 2030, conforme a Organização das Nações Unidas, bem como ainda no contexto do processo de convivência com o semiárido, em que o artesanato com o talo e a palha da carnaúba vem constituir-se como uma alternativa com sua dimensão criativa e de subsistência.





Sendo um resultado de um processo de aprendizagem transmitido através da tradição cultural, o artesanato com o talo e a palha da carnaúba é parte do movimento de construção de saberes e, portanto de aprendizado ao longo da vida das Mulheres Produtoras do Desterro, facilitando, através da organização coletiva, a vida doméstica, laboral e, portanto, a sobrevivência no/do campo. Isso evidencia a importância que tem o debate em torno das questões e dos temas relacionados à Geografia de Gênero no contexto do Semiárido brasileiro, trazendo à luz a necessidade de análises das organizações coletivas protagonizadas por pessoas que ainda encontram-se na faixa da invisibilidade e da insignificância, desvelando as constantes desigualdades entre homens e mulheres ainda persistentes e evidenciando a importância que o trabalho coletivo tem na vida dessas pessoas e os saberes e fazeres enquanto formas de conhecimento relacionadas à sobrevivência e, não apenas como uma tradição cultural transmitida e mantida às gerações, mas tornada significativa e atuante na melhoria das vidas das pessoas que a ela estão ligadas.

O artesanato do talo e da palha da carnaúba realizado pelas Mulheres Produtoras do Desterro é compreendido como um conhecimento produzido por essas mulheres que o detém e que o reproduz, contribuindo para a manutenção da alteração do arranjo social existente no povoado Desterro. Isso evidencia que papéis sociais foram definidos, saberes foram gerados e práticas sociais foram produzidas, principalmente os sistemas de ações ligados ao agir do ser mulher nessa comunidade do interior do Nordeste brasileiro.

Assim, pudemos constatar que saberes são e foram transmitidos entre gerações, sendo de grande utilidade na vida dessas mulheres. O aprender a lidar com o talo e a palha da carnaúba, transformando-os em utensílios ou peças decorativas, constitui-se em uma técnica não apenas relacionada à tradição do povoado Desterro, mas principalmente em um conhecimento aplicado àquela realidade semiárida a serviço da emancipação e sobrevivência, uma vez que os vínculos com os produtos elaborados com o talo e com a palha da carnaúba se traduz em ações ligadas à sobrevivência.





Por fim, compreendemos que a realidade daquelas mulheres que se dedicam ao trabalho artesanal é um convite à instigação de análises e reflexões sobre os fatores que envolvem a mulher no contexto do semiárido e o pensar a transmissão do conhecimento que não se faz pelas vias padronizadas, mas por meio de situações informais e não-formais, evidenciando sua importância nos lugares onde essa prática ocorre, remetendo um conteúdo representacional de um sistema de ações do agir comunicativo da Associação em questão essencial ao enfrentamento das condições socioculturais às quais estão submetidas mulheres no semiárido brasileiro.

## Referências

ABRIC, J.-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social** Goiânia: AB, 1998. (p.27-38).

ALEGRE, S. P. **Mãos de mestre**: Itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

ALEGRE, S. P. **Arte e ofício de Artesão**: histórias e trajetórias de um meio de sobrevivência. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CALIÓ, S. A. Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano. [s.n.t.]; *In*: CALIÓ, S. A.; LOPES, M. M. **Mulher e espaço urbano**. [s.l.:s.n.], 1992.

CASCUDO, L. da C. A Carnaúba. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. V. 26. nº 2, p.159-215, Abril-Junho de 1964.

CAXILE, C. R. V. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.1, n.1, p.1-18, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599/3112>. Acesso em 05 de out. de 2022.

FELIPE, J. L. A.; CARVALHO, E. A. de. **Economia do Rio Grande do Norte**: estudo geo-histórico e econômico. João Pessoa: Grafset, 2002.

FERRANTE, V. L. S. B. A situação legal e real da mulher trabalho no campo. **Perspectivas**, 5, p.97-114, 1982.





FRANCISCO, M. L. O. de. Geografia de Gênero e Trabalho Familiar: algumas considerações. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.1, n.2, 2011. (p.27-36).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GIL, G. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONH, M. da G. 500 anos de luta social no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, 1(5), 2000. (p.11-40).

GOHN, M. da G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, 1(1), 2009. (p. 28-43).

JODELET, D. (Org.) **As Representações Sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KARSTEN, L.; MEERTENS, D. La geografía del género: sobre visibilidad, identidad y relaciones de poder. **DOCUMENTS PANALISI GEOGRAFICA**. p.19-20, 1991-1992, p. 181-193. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/dag/02121573n19-20/02121573n19-20p181.pdf>. Acesso em 05 de out. de 2022.

LARA, A. M. B. Políticas de redução da desigualdade sociocultural. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.1, n.3, p.140-153, set./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/118/101>. Acesso em 05 de out. de 2022.

LIBÂNEO, J. C. As modalidades de educação: informal, não-formal, formal. In: Libâneo, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (p.86-92).

MONK, J.; GARCÍA-RAMON, M. D. Geografia Feminista: uma perspectiva internacional. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, (10), 1987. (p.147-157).

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e Saber. **Trabalho & Educação**, 1(12), 2003. (p. 21-34).



<sup>i</sup> **José Erimar dos Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3909-2729>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Doutor em Geografia e Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas (DCH), do Centro do Ciências Sociais Aplicadas e Humanas (CCSAH) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório das Desigualdades Socioespaciais, Dinâmicas Territoriais e Usos do Território no Semiárido Brasileiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3239534442956034>

E-mail: [jose.erimar@ufersa.edu.br](mailto:jose.erimar@ufersa.edu.br)

<sup>ii</sup> **Valmaria Lemos da Costa Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0783-6874>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana de São Paulo. Professora Assistente do Departamento de Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7304107275498777>

E-mail: [valmarialemos@uern.br](mailto:valmarialemos@uern.br)

<sup>iii</sup> **Samira Fontes Carneiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4684-3711>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Graduação em Pedagogia, Especialização e Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC/UERN. Especialização em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido/UFERSA. Professora do Departamento de Educação/Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5334073461117814>

E-mail: [samiracarneiro@uern.br](mailto:samiracarneiro@uern.br)

<sup>iv</sup> **Patrícia Maraísa de Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1543-2087>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Graduação em Educação do Campo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido/UFERSA.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6798521281060526>

E-mail: [patricia.maraisa@gmail.com](mailto:patricia.maraisa@gmail.com)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg  
**Especialista *ad hoc*:** Camila Saraiva de Mato

## Como citar este artigo com mais de Três autores (ABNT):

SANTOS, José Erimar dos *et al.* Experiências, saberes e fazeres produzidos pelas mulheres do campo em São Rafael/RN, Brasil. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e48675, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.8675>

Recebido em 30 de agosto de 2022.

Aceito em 03 de novembro de 2022.

Publicado em 03 de novembro de 2022.